

Reivindicando as Promessas

Começaremos analisando exemplos de três respostas diferentes às promessas de Deus. Esta é a primeira: “Disse mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro. A isto respondeu logo o SENHOR, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade” (Gênesis 15:3-5).

E qual foi a resposta de Abrão a essa promessa? “Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gênesis 15:6).

Vemos aqui a resposta correta às promessas de Deus, tanto que Paulo escreve mais tarde: “E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso; para vir a ser o pai de todos os que creem, embora não circuncidados, a fim de que lhes fosse imputada a justiça” (Romanos 4:11).

Aqui está a segunda promessa: “Disse-lhe, porém, o anjo: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem darás o nome de João. Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado” (Lucas 1:13-17).

E qual foi a resposta de Zacarias a essa promessa? “Então, perguntou Zacarias ao anjo: Como saberei isto? Pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias” (Lucas 1:18).

Abraão, por outro lado creu, tendo como base apenas a palavra de Deus. Voltaremos a Zacarias em breve; no entanto, notamos que ser velho e avançado em anos não era algo distante de sua própria experiência, como vemos em nossa terceira resposta a uma promessa de Deus: “Disse um deles: Certamente voltarei a ti, daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho. Sara o estava escutando, à porta da tenda, atrás dele. Abraão e Sara eram já velhos, avançados em idade; e a Sara já lhe havia cessado o costume das mulheres. Riu-se, pois, Sara no seu íntimo, dizendo consigo mesma: Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer? (Gênesis 18:10-12).

Sara, como vemos, teve uma reação mais parecida com a de Zacarias do que com a do marido. Enquanto Abraão respondeu com fé, Zacarias perguntou como poderia saber isto, e Sara riu secretamente do absurdo da promessa. A promessa seria engraçada e impossível em todos os casos, se qualquer outro que não Aquele que criou o conceito de “possível” a promettesse. Sabemos que Deus “imputou isso a Abraão como justiça” por ele ter crido na promessa sem reservas ou evidências. Podemos ver nisso, e no que está escrito sobre Abraão como o “pai da fé”, que mesmo desde as primeiras interações com a humanidade, e independentemente da aliança, Deus não mudou. A confiança infantil e o dever fiel às promessas de Deus são

considerados justiça, pois são o único meio de justiça – qualquer justiça – existente em nós. Quaisquer boas ações separadas da fé são meramente “nossa própria justiça”; boas obras, por melhores que sejam, não podem salvar ou melhorar a alma. Esta é a diferença entre uma pessoa “moral” e uma pessoa “justa”. Como está escrito: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam” (Isaías 64:6).

Mesmo antes de Abraão, está escrito que: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala” (Hebreus 11:4).

E qual foi esse excelente sacrifício? Simplesmente o que Deus havia pedido. E por que obteve testemunho de que ele era justo, se boas ações não salvam? Porque ele não o fez para “ser bom”, mas porque confiou e obedeceu a Deus, que lhe deu a instrução.

Vemos que Deus não muda em Sua resposta àqueles que creem em Sua palavra. Aqueles que creem no Criador sem pedir uma prova exterior são considerados justos e recebem justiça, tornando-se, portanto, justos. Posteriormente, estes não testificam que são “pecadores”, mas sim que são “justos”.

Sabemos que Deus aprovou a reação de Abraão; como Ele respondeu a Sarai e Zacarias?

Na resposta à Sara, nós lemos: “Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil? Daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti, e Sara terá um filho. Então, Sara, receosa, o negou, dizendo: Não me ri. Ele, porém, disse: Não é assim, é certo que riste” (Gênesis 18:14-15).

“Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil”?

Sara claramente acreditava que isso era verdade, embora provavelmente jamais tivesse dito isso. Há muitos que, como Sara, se concentram em sua própria fraqueza em detrimento da força de Deus, que prometeu e é capaz de cumprir. Poucos dirão: “Acredito que Satanás é mais poderoso que Cristo e que Deus não pode nos livrar do poder de Satanás a menos que Satanás seja destruído primeiro”. No entanto, quantos dirão: “Acredito que continuarei pecando até que Cristo volte, até lá não haverá esperança”.

Como Deus respondeu ao riso e à negação de Sara? Ele ignorou o assunto? Não; Ele perguntou ao marido dela: “Por que ela riu? Isso é difícil demais para Deus?” Aqui, Sara combinou o ceticismo com o medo e “negou, dizendo: Eu não ri”. Deus não brinca com Sara nessa interação; Ele pergunta a causa do riso dela, e quando ela nega com medo, Ele lhe diz claramente: “Não, mas você riu”. Quanto mais cedo Sara reconhecesse sua reação, mais cedo ela poderia examinar e responder ao “por quê” e ser curada de sua incredulidade.

O amor – o amor ágape – requer confrontação. Requer trabalho de examinar o coração. Requer um espelho a ser erguido, e quando o medo e a negação são a resposta, como no caso de Sara, requer um testemunho direto. Aprendamos bem com este exemplo, pois é algo que se exige de

nós tanto perseverar quanto agir se quisermos ver Deus em paz. Observe que Sara riu “intimamente”; ela bem poderia ter argumentado que não riu, pelo menos não fisicamente. Deus não lhe deu tal argumento: “Não, mas tu riste”. A verdade do seu coração despertou mais a atenção do que os movimentos dos seus lábios.

Deus não mudou; Seu Espírito não mudou. Em nosso autoexame, devemos olhar mais profundamente para o coração do que para as ações para julgar como Deus julga. A mesma atitude devemos ter ao ministrar às necessidades de nossos irmãos, para curar como Deus cura.

Vimos alguém que acreditou de coração e alguém que riu em seu coração; qual foi a resposta do Céu a Zacarias, que perguntou: “como terei certeza disso?”

“Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas-novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais, a seu tempo, se cumprirão” (Lucas 1:19-20).

A maneira pela qual ele saberia disso era que isso foi prometido. Nenhuma margem de dúvida foi oferecida a Zacarias para essa incredulidade; a Palavra havia sido dita, a mensagem havia sido entregue. Mais do que isso, como um sacerdote fiel e ministrante, Zacarias estava familiarizado com os exemplos de Abraão e Sara.

Lemos sobre isso nos Testemunhos: “Zacarias bem sabia como fora dado a Abraão um filho em sua velhice, porque ele crera fiel Aquele que prometera. Por um momento, porém, o velho sacerdote volvera os pensamentos para a fraqueza da humanidade. Esqueceu-se de que Deus é capaz de cumprir aquilo que promete. Que contraste entre essa incredulidade, e a fé simples e infantil de Maria, a donzela de Nazaré, cuja resposta ao maravilhoso anúncio do anjo, foi: “Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” Lucas 1:38 {DTN 57}.

“O nascimento de um filho a Zacarias, como o do filho de Abraão, e o de Maria, visava ensinar uma grande verdade espiritual, verdade que somos tardios em aprender e prontos a esquecer. Somos por nós mesmos incapazes de fazer qualquer bem; mas o que não somos capazes de fazer, o poder de Deus há de operar em toda pessoa submissa e crente. Por meio da fé foi dado o filho da promessa. Mediante a fé é gerada a vida espiritual, e somos habilitados a realizar as obras da justiça” {DTN 58}.

As promessas de Deus não se limitam à descendência e ao estabelecimento de nações. O poder de Deus, longe de depender ou ser limitado pelo recipiente, é tanto mais marcante e pronunciado quanto mais fraco for o recipiente. Deus poderia ter dado filhos a Abraão, Sara e Zacarias na juventude; ainda assim, isso não teria sido um milagre ou glória para o Seu nome. Deus poderia ter derramado o Seu Espírito sobre seres santos e não caídos, e dado a eles a comissão do evangelho; ainda assim, isso não teria sido um testemunho.

No mundo vindouro, e na eternidade após a morte, teremos um testemunho único entre toda a criação. Somente a humanidade será capaz de falar da redenção da escravidão do pecado, dos resultados da rebelião e da transação infinita pela qual fomos criados de novo e renascidos.

Podemos dizer por experiência própria, tendo conhecimento de ambos, que a vida de Jesus é maior do que a vida de pecado; tanto assim que “não amamos as nossas vidas até à morte”.

“E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra” (Apocalipse 5:9-10).

Esta canção e testemunho começam agora, assim como a vitória sobre o pecado, Satanás e o ego. A nova vida começa agora, e com base em quê? “pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pedro 1:23).

E qual é essa Palavra? Qual é a promessa que nos foi dada tão seguramente quanto a de Abraão? “Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus” (1 João 3:6, 9).

“Não pode” é a promessa, e por quê? É por causa de nossas próprias habilidades, talentos ou justiça? Não. “Porque ele nasceu de Deus”. E nascer de Deus é nascer “de semente incorruptível”; a semente não pode ser corrompida e, portanto, a árvore não pode ser corrompida; nós “não podemos cometer pecado”. Esta é a mensagem que o mundo e as igrejas não convertidas consideram ridícula, uma impossibilidade.

É a mensagem que, portanto, vivemos — demonstrando o poder de Deus para fazer o impossível através de nós. A promessa de uma nova vida em um corpo idoso era considerada impossível; quanto mais a promessa da própria vida de Deus em um corpo morto em transgressões e pecados?

Notamos que Zacarias foi repreendido e julgado por duvidar daquilo que tinha evidências familiares para apoiar. A vida de Jesus remove toda dúvida possível de que as promessas de Deus se estendem a nos proteger perfeitamente de cair em tentação e, mais ainda, nos concedem a própria justiça de Deus. No entanto, mesmo entre aqueles que professam ser cristãos – que professam ser adventistas – tais promessas são recebidas com descrença, risos e a pergunta duvidosa: “Como terei certeza disso?”

“Existe alguma coisa difícil demais para o Senhor?” Assim como Zacarias, a raiz de todas essas questões está em olhar para a fraqueza da carne e não para o poder de Deus, que cumpre o que prometeu.

Outro exemplo de olhar para a carne e não para o poder de Deus, como vimos em algumas discussões recentes, é focar no mensageiro em vez da mensagem. Zacarias não foi desculpado, pois foi Gabriel, e não o próprio Deus, quem transmitiu a mensagem da verdade.

Quando uma alma responde ao Evangelho e à Palavra de Deus tendo em vista humilhar o mensageiro com tais perguntas como: “Então você nunca peca?” “Então você nunca ultrapassa o limite de velocidade?”, etc.), é evidente que o foco está na carne e não no Espírito. É uma tentativa de encontrar a hipocrisia — não para curar o hipócrita, mas para se desculpar da convicção. Se um hipócrita me der uma mensagem verdadeira que traga vida, agradecerei a Deus por esse hipócrita e me alegrarei com a cura de Deus.

É essa falha que está na raiz de toda apostasia: olhar para “a criatura em vez do Criador”. Lúcifer olhou para a criação em vez do Criador e se apaixonou por si mesmo. Eva deu ouvidos à criatura em vez do Criador e comeu do fruto. A igreja judaica olhou para a criatura em vez do Criador e O crucificou com medo de que “os romanos viessem e nos tirassem tanto o lugar como a nação” (João 11:48). A Igreja Adventista olhava para a criatura em vez do Criador, confiando na segunda besta em vez de em Deus para proteger seu nome e punir os dissidentes. Em todos os casos, as promessas de Deus, recebidas e acalentadas, eram tanto antídoto quanto vacina contra a apostasia.

Não devemos orar pelas promessas de Deus e depois esperar para ver o cumprimento de “como teremos certeza disso”. Não devemos ouvir as promessas de Deus e rir interiormente, aceitando a mentira de que elas devem ser para outros, melhores ou mais aptos do que nós. Sabemos muito bem como Deus encara tais respostas à Sua Palavra, mesmo entre aqueles que tiveram milênios a menos de experiência. Devemos orar pelas promessas e agradecer a Deus por ter cumprido a Sua Palavra; devemos receber as promessas, decidindo e proclamando que naquele exato momento, e por toda a eternidade, Deus cumpriu a Palavra em nós. O poder divino combinado com o esforço humano é a receita para o sucesso.

Nós lemos nos Testemunhos: “Uma íntima comunhão com o Céu dará a entonação certa à sua fidelidade, e será o fundamento do seu sucesso. Seu sentimento de dependência o impelirá a orar, e seu senso do dever o convidará ao esforço. Oração e esforço, esforço e oração, serão o assunto de sua vida. O senhor deve orar como se a eficiência e o louvor fossem todos devidos a Deus, e trabalhar como se o dever fosse todo seu próprio. Se o senhor deseja poder, tê-lo-á, pois está à espera de que o senhor dele se sirva. Tão-somente creia em Deus, tome-O pela palavra, aja por fé, e as bênçãos virão” {CSa 367}.

Abraão “agiu pela fé”, tendo confiança para usar seu novo nome, “pai de muitas nações”, embora o filho prometido ainda não tivesse sido concebido. Zacarias teve a confiança para escrever o nome que o anjo lhe dissera para escrever para seu filho, e sua mudez chegou ao fim.

Nós também temos confiança para usar o nome, o caráter e os dons que Deus nos concedeu gratuitamente. Toda boa dádiva e todo dom perfeito — “todas as coisas que dizem respeito à piedade” — são derramados do céu sobre nós por meio de Cristo. Todo aquele que se revestiu de Cristo se revestiu do seu Espírito e do fruto desse Espírito.

Você já experimentou falta de paciência? Então, arrependa-se, peça e receba; que nunca mais haja confissão de nada além da paciência Divina, pois Cristo a possui e a concede. Por que não aceitá-la e vivê-la em toda a extensão do seu entendimento, de vitória em vitória?

Você tem amor, alegria, paz, um espírito grato e alegre, bondade, sabedoria, etc.? Se sim, então regozije-se com essas dádivas para que outros possam ver onde encontrar vida. Se não, peça e receba a nova vida; converta-se, e então permita que as palavras nunca impliquem nada além da plenitude do dom de Deus.

Que não haja “riso”, no coração ou na fala, quanto às promessas de Deus em sua vida. Que não haja decisões ou ações tomadas com base em qualquer outra coisa que não seja o fato de termos recebido o caráter de Jesus. Para aqueles que vivem o evangelho, “O que Jesus faria?” é uma pergunta que dá lugar ao louvor em vez da culpa, pois sabemos e fazemos o que Ele faria de acordo com o Seu Espírito em nós.

Reivindicar esses dons, por mais absurdos que sejam, seria arrogância e tolice se feito por nossa própria autoridade ou iniciativa; é aqui que muitos que desconhecem as Escrituras erram. Se Abraão tivesse alegado ser o pai de muitas nações, mas Deus não lhe tivesse prometido isso, ele teria sido de fato um louco ou mentiroso. Se Deus não nos tivesse prometido vitória completa e um novo coração, reivindicar qualquer coisa boa em nós mesmos seria igualmente tolice.

Aqueles que não conhecem a Deus, acusarão e acusam os santos do mesmo; eles não conhecem Aquele que prometeu. Contudo, nós O conhecemos e Suas promessas. Cremos Naquele que fez as promessas, pois essa é a própria profissão de um “cristão”, e especialmente de um “adventista”.

E, no entanto, há muitos, mesmo entre os adventistas, que não ouviram essas coisas. Há muitos que riem da ideia de Deus levantar profetas em Sua igreja, apesar de Sua promessa de fazer exatamente isso. Há muitos que riem da ideia de Elias ter vindo, apesar da promessa de Deus de fazer exatamente isso. Muitos riem do ensinamento de que Deus terá um povo visivelmente unido, livre do pecado e da dependência do mundo, antes do retorno de Jesus Cristo. Tudo isso apesar das promessas claras e inequívocas de Deus, que é capaz e está disposto a cumprir Sua Palavra.

Aqueles que são salvos finalmente são os “filhos de Abraão”, os filhos da fé, os filhos da promessa que creem com base Naquele que prometeu, e nada mais. As promessas de Deus são nosso patrimônio, herança e a própria vida. Elas são o fundamento do reino para o qual somos transladados e a constituição do Céu.

Deus tem um povo que se mantém perfeitamente unido na plataforma da verdade presente. Que cada um de nós se mantenha firme nas promessas, enraizado na Rocha inabalável. Pela promessa de Cristo, não podemos fazer outra coisa: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (João 10:27-29).

Ao descansarmos nessa mão neste sábado e em todos os dias que se seguirão, alegremo-nos no Pai que é “maior do que todos” e de cuja amorosa e cuidadosa proteção “ninguém pode arrancar”.

Lucan Chartier